

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**O TRABALHO PARA A MELHORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO DE MARILU –  
IRETAMA-PR**

**MATINHOS**

**2014**

**MARCOS VINICIUS MORALES MARTINS**

**O TRABALHO PARA A MELHORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO DE MARILU –  
IRETAMA-PR**

Trabalho ou monografia apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof. Luiz Fernando de Carli Lautert

**MATINHOS**

**2014**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>06</b>
<b>2.1 O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA DO CAMPO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>5 RESULTADO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>Anexos</b>	

## **O TRABALHO PARA A MELHORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO DE MARILU – IRETAMA-PR**

Marcos Vinicius Moraes Martins

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

### **RESUMO.**

A presente pesquisa teve com objetivo de reconhecer metodologias de ensino, que possibilitem uma melhor associação do conhecimento aprendido na Escola do campo e empregado na realidade do aluno, assim como, trabalhar na pesquisa de possibilidades de elaboração de materiais concretos para trabalho nas aulas de geografia, as tornando mais atrativas. O resgate de aprendizado em possíveis pontos falhos na aprendizagem se fez partindo das vivências do aluno para uma melhor compreensão do conteúdo apresentado durante as aulas, assim como a verificação dos conhecimentos aprendidos feito no decorrer das aulas. A disciplina de Geografia é uma ciência a qual necessita de grande compreensão e muitas vezes de imaginação para entendê-la e abstraí-la. Na maioria das vezes pode-se demonstrar o conteúdo com imagens e vídeo, mas o trabalho com o concreto em forma de aulas de campo, por exemplo, buscando a realidade e vivências do aluno é fundamental para o sucesso no decorrer de todo trabalho realizado. Durante a pesquisa, notou-se um interesse por parte dos alunos, quando proposto o trabalho na montagem da maquete, colocando em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, e certa apatia por parte da leitura em sala de aula, isso comprova a necessidade e importância do trabalho com o concreto em sala de aula, ele não deve ser entendido pelo professor como uma aula inovadora, mas sim sempre presente em seu cotidiano e de seus alunos.

**Palavras-chave:** Ensino, educadores, aprendizagem.

## 1. INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência complexa, necessita da compreensão de uma série de assuntos para melhor compreendê-la, e durante muito tempo só esteve associada a mapas. Sabe-se que esta ciência é muito mais do que somente pintura de mapas, memorização de nomes de estados, capitais e países. Além de conhecimento geral, é importante estar sempre atualizado de informações globais, para ser transmitidos para os alunos.

O ensino da Geografia necessita que os professores sejam criativos para fazerem com que seus alunos se apaixonem por essa disciplina, pois, a dificuldade em transmitir conhecimento sem nenhum apoio, ilustrativo (visual), tato (sinestésico), se torna mais difícil para assimilação dos conteúdos trabalhados. O professor de uma escola do campo pode, possui vários recursos os quais devem ser utilizados, com criatividade sempre instigando a criatividade do aluno, assim como incentivando o mesmo a ser questionador, principalmente ao que tange temas políticos, sociais, fazendo com que o mesmo se torne um cidadão crítico- participativo na sociedade que vive.

Como ciência, a Geografia se adapta as mais diversas necessidades, e com muita facilidade ela se torna uma grandiosa ferramenta nas mãos de professores que as dominem e utilizem a melhor maneira, para transmitir o conhecimento/ensinamentos para a turma que estiver trabalhando. Mas para isso, como já foi mencionado logo no início, é necessário que o professor tenha certa bagagem de conhecimento desta ciência, para conduzir os temas e metodologias da melhor maneira possível, com a qual se deseja trabalhar com os alunos.

Ao mesmo tempo, percebe-se que essa disciplina, pode ser utilizada de diversas formas, por vezes aliada a realidade das pessoas. Na escola do campo, pode-se fazer um trabalho mais significativo, mais concreto, pois,

haverá a possibilidade de ver ou mesmo ter notícias dos resultados dos trabalhos empregados com os métodos de ensino/aprendizagem.

## **2. RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Para se falar de Ensino do Campo, é necessário antes de tudo, falar sobre os avanços da educação, principalmente ao que tange aos avanços da Educação do Campo. Freitag (1980) ao esboçar os períodos mais importantes pelos quais a Educação Brasileira passou os caracteriza em três importantes períodos: Período Colonial; Império e a Primeira República. O Primeiro Período possui como característica ser agroexportador, o qual foi implantado desde a época da colônia, além de fundamentar a organização da economia com foco para exportações para grandes metrópoles. A política educacional era voltada estatal e quase inexistente, durante o período Brasil Colônia, funcionou o sistema de educação gerenciado pelos jesuítas, o qual segundo Freitag (1980) cumpria com várias funções de fundamental importância para a coroa portuguesa. A educação neste período não possuía nenhuma importância, visto que para o trabalho exigia um mínimo de qualificação.

Freitag (1980) afirma que durante 1930-1945 ocorreu um “[...] fortalecimento das instituições da sociedade decorria, por sua vez, da importância que os aparelhos jurídicos e repressivos do Estado adquiriam como mediadores do processo econômico.”(p.49), iniciava uma expansão na produção do café e com isso crescimento e fortalecimento da economia, até a queda em 1929, quando acontece a crise do café. Após a queda, de acordo com a autora, os

[...] latifundiários cafeicultores é forçada a dividir o poder com a nova classe burguesa emergente. Em consequência dessa nova situação, há uma reorganização dos aparelhos repressivos do Estado. Com auxílio de certos grupos militares (tenentes) e apoiados pela classe burguesa, Vargas assume o poder em 1930, implantando, em 1937, o Estado Novo, com traços ditatoriais. Isso significa que a sociedade política invade áreas da sociedade civil subordinando-as ao seu controle. É o

que ocorrerá com as instituições de ensino. (FREITAG, 1980, p.50)

A partir deste momento, percebeu-se uma intensa atividade do Estado em ambas às instâncias da superestrutura e em 1930 é criado o Ministério da Educação e Saúde, além de estabelecer na Constituição, o qual coordenasse e supervisionasse todos os níveis de educação, a partir daí foi garantida a obrigatoriedade e gratuidade da educação no ensino primário. A Igreja passa a perder seu poder sobre as instituições de ensino tendo cada vez menor influência sobre as mesmas.

O Estado Novo com sua política educacional acaba não se limitando a legislação e implantação, segundo Freitag (1980) ela visava “[...] transformar o sistema educacional em um instrumento mais eficaz de manipulação das classes subalternas”. (p.52), a partir daí são criadas as escolas técnicas profissionalizantes, voltadas para as classes menos favorecidas, isso, devido a grande demanda de mão-de-obra qualificada, assim como a diversificação da força de trabalho e treinamento para atividades que iam ao encontro das necessidades de empresas privadas. A nova força de trabalho não viria da burguesia, pois sua educação não era voltada para o nível técnico e logo em seguida tornar mão-de-obra, o campesinato também não faria parte do perfil de operário necessário, pelo baixo nível de estudos, por essa razão o perfil dos estudantes destinado ao ensino técnico era em grande parte para imigrantes e vista como única forma de ascensão social.

Entre 1945 a 1964 a educação reflete as disputas de poder onde acaba exercendo influência segundo Freitag (1980) em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na Constituição de 46 havia deixado clara a importância e necessidade da elaboração de novas diretrizes, já que as do governo Vargas estavam ultrapassadas. Na Lei de Diretrizes e Bases de 1961, em seu Art. 57, já se previa a formação de professores e supervisores para atendimento nas escolas rurais, vendo aí um olhar assistencialista para a Educação do Campo diante da Lei.

Durante as décadas de 60 e 70, ocorreu também uma grande penetração de capital internacional na economia brasileira, o que acabou resultando em um grande crescimento do capital nacional-desenvolvimentista segundo Queiroz (2011), como consequência, ocorreu

o crescimento do movimento operário e camponês, o surgimento de partidos de esquerda e de grupos e entidades que almejavam a transformação da estrutura da sociedade, bem como o comprometimento de alguns setores das Igrejas com as lutas sociais. Houve também o crescimento e a difusão de experiências que viam na educação um dos instrumentos que proporcionaria uma maior conscientização política e social e uma participação transformadora das estruturas capitalistas presente na sociedade brasileira. (p.38)

As lutas nesse período por reformas de base acabaram sendo fortalecidas, mas a ditadura também acabou reprimindo os movimentos sociais, tanto do campo como da cidade, causa de tantas prisões, torturas, mortes tanto de líderes sindicais, membros da igreja, operários e camponeses. A ditadura impôs projetos, os quais visavam como principal objetivo a expansão do capitalismo mundial.

A partir da intervenção do Estado sobre a política educacional e agrária, acabou barateando os preços tanto dos alimentos, como da matéria prima da agroindústria, resultando no aumento da produção agrícola e da exportação. Ao que segue o ponto de vista educacional, ocorreu “uma política educacional preocupada, sobretudo com a rentabilidade dos investimentos educacionais” que resultou na “Reforma Universitária de 1968 e na Lei de Profissionalização do Ensino Médio de 1971” (SOBRAL, 2000, p.4). A profissionalização dos jovens vinha com objetivo de formar um maior número de trabalhadores os quais atendessem o atual mercado de trabalho, e ao mesmo tempo dispensassem o ingresso dos mesmos no ensino superior. Iniciou um grande movimento em busca de controle político e social, o qual buscava impedir a luta de organizações e movimentos para mudanças estruturais na sociedade.

O direito a educação foi negado aos agricultores desde o princípio, e acaba se intensificando com o passar do tempo com ações governamentais, segundo Queiroz (2011) “[...] nas três últimas décadas do século XX, toda uma movimentação e organização por parte das organizações e entidades dos agricultores, não apenas por uma educação rural, mas por uma educação do campo”. (p. 39) o que resultou dessas lutas um conjunto de iniciativas e ações as quais buscavam a descentralização do poder sobre as terras, sobre o direito de aprender e poder exercer esse direito.

Na década de 70, o Brasil foi marcado por “[...] lutas e resistências coletivas, em busca do resgate de direitos da cidadania cassada e contra o autoritarismo vigente”. (GOHN,2001, p. 53-54) o que levou a uma organização dos movimentos sociais, assim como a luta pela democracia. Ao que tange a educação, várias foram as iniciativas tomadas relacionadas a educação popular, desde a alfabetização de jovens e adultos, como a formação de lideranças sindicais, comunitárias e populares, como afirma Queiroz (2011). A igreja acabou assumindo o compromisso com alguns movimentos sociais tanto do meio rural como urbano um dos marcos desse período foi o surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT) gerenciada pela Igreja Católica, que também contava com participação de outras igrejas, as quais também tinham como objetivo segundo Queiroz (2011) a luta pela reforma agrária e permanência dos poceiros nas terras, com isso na educação nesse período

[...] surgiram as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) no Estado do Espírito Santo, trabalhando com a Pedagogia da Alternância, no Ensino Fundamental. Apesar de terem surgido no final dos anos 60, na década de 1970 vão se expandindo e, mais especificamente, em 1976, inicia-se a primeira experiência de Escola Família Agrícola de Ensino Médio (EFAs de EM). (p.39)

A partir dos anos 80 ocorreram perdas e ganhos nas lutas do campo, foi criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a qual representou os movimentos sindicais, e em 1984 foi criado o Movimento dos Sem Terra (MST), o qual consolidou como um movimento de luta pela reforma agrária e teve

grande influência na prática reflexiva sobre a educação do campo. Queiroz (2011) ainda salienta que

No campo educacional podemos dizer com Gohn (2001) que os debates e as iniciativas sobre a educação para a cidadania e a escola cidadã, marcaram a década de 1980 e contribuíram decisivamente para que se inscrevessem algumas conquistas dos trabalhadores na nova Constituição promulgada em 1988, entre as quais vale ressaltar a compreensão e proclamação da educação como direito. (p. 39)

As práticas adotadas nos anos 90 tiveram como marca o neoliberalismo, tendo como discurso adotado que “só a educação pode salvar o Brasil”, e dessa forma escondem a real raiz dos problemas existentes na sociedade do momento, além das exigências do Banco Mundial relacionadas ao campo educacional. Diante disso, iniciou uma crise dos movimentos sociais existentes, e deu-se início a novos movimentos. Segundo Queiroz (2011) seguindo a educação do campo,

[...] houve alguns avanços. Apesar da nova LDB ter reformulado o ensino técnico no Brasil a partir das exigências do Banco Mundial, desmantelando a educação unitária, e desvinculando o ensino profissional da formação geral, pela primeira vez na legislação houve uma referência explícita à especificidade e diferenciação quanto à oferta de educação básica para a população rural. (p. 40)

Os avanços ocorridos na legislação específica para suprir as necessidades da Educação do Campo, foi resultado de uma articulação de movimentos sociais, assim como acúmulo de experiências já trabalhadas, como coloca Queiroz (2011), os Centros Familiares de Formação por Alternância, as escolas do MST, os quais tinham como base de ensino as experiências adquiridas pelo movimento sindical, dentre outras.

Com o findar dos anos 90, ocorreu uma maior articulação por parte dos movimentos sociais, com a realização de conferências, o que acabou possibilitando conforme afirma Queiroz (2011) a construção de um projeto de

educação do campo. O movimento pela educação do campo, assim como todo movimento e entidades com ela envolvidos, acabaram contribuindo a aprovação pela Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo em 2002, marco das conquistas da Educação do Campo. As Diretrizes caracterizavam a Educação do Campo da seguinte forma:

definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (DIRETRIZES, Art. 2º, Parágrafo único).

O fato é que as lutas pela melhoria da qualidade da educação do campo ainda acontecem, isso devido ao descaso muitas vezes das autoridades, outras por conta da falta de compromisso dos próprios educadores, pelo não conhecimento e valorização da cultura dos povos do campo, assim como do aluno e os conhecimentos que o mesmo leva para sala de aula, conhecimento do mundo. A valorização da Educação do Campo, assim como a melhoria da qualidade e infraestrutura são de grande importância para que o ensino de fato surta bons resultados no futuro das crianças e da comunidade que elas integram.

## 2.1 O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA DO CAMPO

A Geografia é caracterizada como uma ciência descritiva, analítica, argumentativa, com necessidade de um nível de abstração o qual certas vezes os alunos ainda não estão preparados, por essa razão nas aulas são muito utilizadas, imagens e vídeos, como material de trabalho como forma de aproximar os alunos a realidade que foge de suas vivências.

No processo de abstração da realidade, pode-se perceber a dificuldade de muitos alunos em sala de aula, pela pouca vivência de mundo de grande parte dos alunos, grande parte tem dificuldade de imaginar cenários como, por exemplo, uma praia quando se fala de litoral, visto que cerca de 90% nunca viu o mar, dificultando o trabalho e por essa razão necessitando de uma gama maior de recursos visuais os quais possam auxiliar no processo de abstração e assimilação do conhecimento passado. Quando o conteúdo se aproxima de suas vivências, se faz o trabalho com aulas de campo, exploratórias, onde os mesmos podem fazer colocar seus conhecimentos sobre aquele tema. Por essa razão as aulas de campo são tão importantes para um melhor resultado do ensino.

Como forma de realizar um melhor trabalho, a elaboração de materiais didático-pedagógicos, os quais auxiliariam na prática de trabalho dentro e fora de sala de aula, ela auxilia os alunos a assimilar os conhecimentos enquanto constroem o material didático pedagógico. O aluno pode participar das etapas do conhecimento, amadurecendo o seu conceito de verdade e coesão. De acordo com Costa e Santos (2009)

[...] a compreensão da experiência dos alunos em sua relação com as paisagens próximas pode fornecer importantes elementos de entendimento da construção da realidade. A relevância do estudo de Geografia introduz-se nesse âmbito, no anseio de concretizar a leitura do mundo, ou seja, esclarecer as relações que ocorrem entre a sociedade de acordo com determinado tempo e espaço. (p.03)

Somatizando o conhecimento vivenciado pelo aluno do campo, mais o conteúdo ministrado pelo professor, auxiliando a construção dos materiais pedagógicos que o apoiarão durante suas explicações em sala de aula. Para melhor ser compreendido após a reunião de todos esses meios de obtenção de conhecimento.

O ensino da geografia tem como uma de suas propostas de trabalho, o resgate de identidades, auxiliando no processo de valorização das pessoas que atuam nos mais diversos espaços da sociedade independente de sua

condição financeira, social, ética, religiosa, etc. O aluno deve perceber a importância do aprendizado dessa disciplina tanto no espaço em que vive, em sua vida de forma prática, na formação da sociedade, na constituição do indivíduo em sociedade. O ensino da Geografia na escola possui principalmente como ponto primordial a formação de valores, respeito ao outro, as demais culturas e hábitos, ela deve ser uma ferramenta para o trabalho no combate contra as desigualdades e injustiças sociais.

No processo de trabalho com essa disciplina, existe a necessidade de direcionamento do conteúdo do ensino, sempre valorizando a cultura do meio rural, pela razão da mesma possuir presença viva no decorrer da evolução da educação e das transformações sociais. O ensino de geografia, além do trabalho com conteúdos sistematizados, ditados pelo currículo de ensino, pode contribuir para o resgate e análise da zona rural como ambiente onde desenrolam as manifestações culturais e sociais das pessoas que lá vivem.

Em sala de aula, é de grande importância que como educadores, seja assumido o compromisso de trabalho com um ensino crítico, abrindo sempre a discussão do que é realmente relevante ensinar para nossos alunos, levando os mesmos a exercitar o exercício de aprender, observar, descrever, estabelecer estratégias para valorização do espaço e cultura que vivem.

### **3. METODOLOGIA**

O trabalho possuiu como base de estudos a pesquisa bibliográfica, a qual deu embasamento teórico e prático para as ações desenvolvidas em sala de aula. Como intervenção, foi realizada uma prévia investigação dos conhecimentos dos alunos sobre os temas que seriam trabalhados posteriormente e foram ferramentas para o trabalho na montagem da maquete. Os métodos de abrangência, os quais despertassem dos educandos da escola do campo, e que fortalecessem o trabalho realizado dentro e fora de sala de aula, com aulas de campo por exemplo.

O tema foi explanado para os alunos em sala de aula, sistematizando os conhecimentos já colocados pelos mesmos assim que foi dado início ao trabalho de investigação.

Como forma avaliativa, que todo processo de ensino-aprendizado necessita para verificação dos conhecimentos aprendidos, foi realizada uma avaliação não sistemática, onde cada aluno de forma não direcionada colocou o que mais lhe chamou atenção com aquelas aulas, o que ele não conhecia e acabou aprendendo. Acabou-se verificando, um bom resultado com relação ao aprendizado dos alunos, visto que, a junção do trabalho da teoria com a prática, vinculando suas vivências, deram maior embasamento para discussão dentro e fora de sala de aula.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Com a aplicação das práticas educacionais alternativas pensadas para melhorar a qualidade do ensino da Geografia na Escola Estadual de Campo de Marilu, tivemos os seguintes reações e resultados quando foram aplicadas. Ao apresentar os materiais que seriam utilizados no trabalho, os alunos ficaram animados por se tratar de uma aula no formato que pouco tiveram contato durante seus anos letivos. Ao abordar a importância da aula de campo, Cordeiro e Oliveira (2011) destacam:

As aulas de campo possibilitam ao aluno o desenvolvimento de diversas habilidades, tais como observar e analisar paisagens, estabelecendo, de forma prática, o estímulo à pesquisa, além de possibilitar ao estudante aproximar o conteúdo e o conhecimento desenvolvido na escola com o espaço que o mesmo está habituado. (p. 103)

Partindo dos conhecimentos prévios do aluno conforme afirma Piaget é fundamental para sua identificação com o tema trabalhado. O trabalho de campo visa como um de seus principais objetivos a melhoria dos resultados no processo de ensino-aprendizado. O trabalho realizado com alunos do 7º ano do

Ensino Fundamental, com o tema “Formação do Território Brasileiro”, abordando no decorrer do trabalho o conhecimento sistematizado sobre o contexto histórico em que o Brasil passava. A maquete serviu como ferramenta para explorar a projeção dos elementos, conforme afirma Almeida e Passini (2005)

A maquete servirá de base para se explorar a projeção dos elementos do espaço vivido (a sala de aula) para o espaço representado (planta); as relações espaciais topológicas desses objetos em função de um ponto de referência; desses objetos entre si; e dos mesmos em relação aos sujeitos (alunos). Inicialmente em pontos fixos e depois com deslocamentos. (p.52)

Com essa forma de trabalho, pôde-se notar uma melhor resposta na consolidação do aprendizado dos alunos. No decorrer do processo, houve uma maior participação dos alunos, onde os quais colaboravam com conhecimentos já vivenciados ou conhecidos pelos mesmos. Participando, ajudando, a construir o conhecimento no momento em que a aula estava acontecendo. Questionamentos foram feitos, dúvidas foram respondidas.

A vontade de aprender se manifestou naquele momento da aula. O aprendizado vivencial é melhor retido por parte dos alunos pois trabalha todos seus sentidos, visão, tato, olfato, audição e também quando possível o paladar. Por certas vezes as aulas que envolvem trabalhos manuais, onde os alunos são levados a sair de suas carteiras, não são tão trabalhados pelos professores, pela razão de serem mais trabalhosas em sua elaboração e aplicação, no entanto são as que dão melhores respostas ao que tange o aprendizado dos educandos.

A preocupação do professor, enquanto mediador da interpretação feita pelos alunos dos fenômenos materializados no espaço, será a de possibilitar a todos subsídios para que possam fazer uma leitura da realidade cotidiana, com redobrada atenção e reconhecendo que o espaço geográfico é

o resultado da atuação de múltiplos atores sintagmáticos.  
(DOURADO, 2013, p.12)

Após o trabalho realizado com a confecção da maquete, foi retomado certo tempo depois o conteúdo, para verificação de aprendizado, durante a prática metodológica para aferir o que realmente havia sido internalizado, obtendo uma resposta positiva por parte dos alunos. Pode-se constatar a validade dessa prática educacional na escola do Campo de Marilu, porque envolveu a turma como um todo nesse propósito, houve uma maior socialização da turma e o aprendizado se consolidou, pois o conhecimento de um complementou o do outro. Essa maneira prazerosa proporcionou um aprender alternativo, houve a valorização do conhecimento dos alunos, construindo uma ligação entre professor e aluno, estimulando-os a querer aprender mais. Solucionando suas dúvidas/questionamentos. Fato esse que antes não era aguçado, trabalhado. Valorizando as mínimas ações dos alunos, incentivando sempre superação dos seus limites como estudantes.

Outro exemplo de experiência realizada na Escola Estadual do Campo de Marilu foi a “Aula de Campo” com os alunos, depois de trabalharmos o conteúdo: Tipos de Paisagens e Orientação. Isso em fevereiro de 2014, com a turma do 6º ano. Nessa saída pôde-se colocar em prática tudo que foi explicado em sala de aula. Os alunos puderam fazer referência entre a teoria aprendida em sala de aula vivenciada com a prática da aula de campo. A construção do conhecimento, em contato direto com o real é importantíssima e contribuiu para melhorar a compreensão dos alunos na Escola de Campo de Marilu. Durante a aula de campo foi feita de forma sucinta e não sistemática, uma revisão dos conteúdos vistos em sala, para que os mesmos pudessem ver a teoria na prática.

O emprego deste recurso didático contribui de forma significativa para estabelecer uma visão mais ampla acerca da Geografia que o aluno encontra no espaço vivenciado pelo mesmo, além de tornar esta disciplina escolar mais prática, dinâmica e descontraída. Não obstante, esse recurso atua ainda como um facilitador do trabalho pedagógico, dando mais

significado e propósito aos conteúdos discutidos com os alunos em sala de aula. (ALMEIDA e PASSIN, 2005, p.112)

O espaço para discussão, questionamentos são de grande importância no processo de certificação do aprendizado. Pode-se notar mais tarde em sala de aula que, vendo e sentindo, realizando um trabalho de forma mais vivencial, a disciplina de geografia tornou-se mais concreta, promovendo um maior prazer no processo de aprendizado. Uma nova aula de campo foi realizada, a qual abordou a temática “Orientação”, onde foi feita uma exploração pelo patrimônio onde vivem e localiza-se a escola, fazendo observações para que depois, em sala de aula fosse feita uma representação do que foi visto no papel, ou seja, elaborar um Mapa do patrimônio, contendo tipos de informações sobre paisagens e orientação (percepção). Num segundo momento, foi solicitado aos alunos do 6º ano para que fizessem um trabalho complementar do conteúdo visto durante a aula de campo, como tarefa, teriam que elaborar a planta de suas casas (imagens em anexo de 1 ao 5) e entregar para o professor como forma de avaliação do conteúdo estudado.

Esse incentivo e liberdade que o professor desenvolveu com sua turma, é importante para que os alunos se sintam confortáveis para aprenderem o que o professor esteja explicando. A interação entre professor e aluno na aula de campo, vem facilitar no processo de ensino/aprendizagem. O uso da descrição em atividades no cotidiano da população camponesa é muito comum. Entretanto, é pouca estimulada em sala de aula. Essa proposta de trabalho, incentivar o contato com o conteúdo apresentado ao aluno, visualizando, compreendendo como tudo funciona. Potencializando a maneira de aprendizagem do aluno.

As aulas de campo, sempre que necessária em razão do conteúdo trabalhado com a turma pode significar uma maneira alternativa para melhorar a metodologia da aprendizagem da geografia na escola do campo de Marilu. Onde o conhecimento não sistematizado, adquiridos no decorrer de suas vivências em comunidade, são materiais ricos para exploração e início de sistematização dos conteúdos, para uma forma mais científica do aprendizado, além do trabalho com os mapas mentais, os quais, na educação básica,

possuem como objetivo a avaliação das percepções dos indivíduos e concomitantemente de onde estão inseridos. Eles são representados por desenhos ilustrando o espaço vivido de cada um.

Neste sentido, é importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, mas são construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e edificados materialmente. Ao se estudar os mapas mentais produzidos pelos alunos não se revelam à priori categorias acadêmicas ou artísticas, devendo-se interpretá-los como uma forma de comunicação. (COSTA, 2008, p.43).

As aulas de campo possuem como um de seus pontos principais, a liberdade que dá aos alunos questionarem, serem verdadeiros pesquisadores e dá ao professor oportunidade para esclarecer suas dúvidas, auxiliando que os mesmos compreendam o que foi trabalhado em sala de aula. Pois a partir do conhecimento que o aluno já dispõe, é que estaremos trabalhando, para a formação de um novo, que também não será pronto e acabado, mas estará em constante processo de construção.

O conhecimento empírico foi muito explorado nessa questão, pois, auxiliou na verificação do grau de conhecimento dos alunos e ainda por meio dele, trabalhamos assuntos relacionados à lógica, noções básicas de diferentes assuntos como, higiene, ambiente, sociedade entre outros, tudo isso extraídos das experiências de vida dos alunos.

A prática da leitura e escrita se fez presente no desenvolvimento do aluno abrangendo vários aspectos, não somente pela prática, mas também o prazer do ato de ler e conseqüentemente, melhorando a prática de escrita, com a ortografia, concordâncias gramaticais, qualificando e organizando com coerência na interpretação de textos, leituras de mapas, entre outros. Esta metodologia foi posta em pratica em todos os anos do ensino fundamental da Escola Estadual de Campo de Marilu.

Com o incentivo desta metodologia, o aluno poderá desenvolver-se não somente na disciplina de geografia, mas em outras áreas do saber, levando para sua vida fora da escola um aprendizado de extrema importância, utilizada no seu dia a dia. A leitura faz com que o aluno se transforme, melhore suas, ideias, ortografia, comunicação, fatores fundamentais para uma vida em sociedade. Pois residir no campo não significa ser um completo ignorante, afastado de todo e qualquer tipo de conhecimento.

Um ambiente para leitura é essencial para apreender a gostar de leitura e beneficiar-se dela. Após trabalhar a leitura, pode-se ainda por meio de um tema gerador levar a outras temáticas, podendo conduzir o aluno a apropriar-se do conhecimento desenvolvidos no processo da leitura.

Assim, entre erros e acertos, estaremos prontos para ouvir e orientá-los até alcançarem o conhecimento esperado por nos professores. Percebe-se que por meio da prática, os alunos ficam mais próximos, sentem-se mais valorizados em questionar ou mesmo dar contribuições de fatos ou casos que tenham conhecimentos. Em muitos dos casos, os alunos passaram a compreender melhor o conteúdo porque perderam a timidez, superando dessa forma um obstáculo e conseguiram uma maior aproximação com o professor, tornando o ato de aprender prazeroso.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho foi de fundamental importância para o fortalecimento do ensino/aprendizagem da escola de campo, a pesquisa, desempenhou um papel de extrema importância na escola, pois, por meio dela atingiu diversas áreas do conhecimento, incentivando assim a interdisciplinaridade.

O uso de ferramentas para a produção do conhecimento, como pesquisa na biblioteca e também o uso do laboratório de informática, tornam-se muito importantes para o desenvolvimento e o aguçamento do instinto de pesquisador, o qual os alunos necessitam desenvolver, para que assim,

tenham êxito em seus trabalhos, tanto em sala de aula, como na prática diária em suas respectivas realidades e mais adiante na universidade.

A busca por novas técnicas, estratégias metodológicas, a fim de contribuir para a melhoria no processo de ensino-aprendizado dos alunos da escola de campo, assim como, valorizar seus conhecimentos prévios, que muitas vezes são ignorados por grande parte dos professores, criança também ensina, e esse foi um dos objetivos alcançados neste trabalho. O professor precisa estar o mais próximo possível da realidade de seus alunos, para poder auxiliá-los em suas dificuldades, e parabenizá-los em suas vitórias.

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosangela Doint de; PASSIN, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e apresentação**. 14ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de Dezembro de 1961. In.: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm)> acessado dia 15/03/2014

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional** – LDB. Lei no. 9.394 de dezembro de 1996. MEC

CNE. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução n. 1, de 3 de abril de 2002, Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação

COSTA, Cláudia Lúcia da Costa; SANTOS, Rosselvelt José dos. **Ensino de Geografia no Campo: a importância do lugar no processo de ensino-aprendizagem**.

In.: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(30\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(30).pdf)> acessado dia 24/03/2014

COSTA, J. C. de. **A Representação cartográfica em trabalhos de geografia no estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Geografia**. Dissertação em Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Janeiro de 2008. In.: <[http://ww.posgeo.ufba.br/disserta%3%A7oes/Disserta%3%A7%C3%A3o\\_Jo%C3%A3o\\_Carlos\\_de\\_Oliveira\\_Costa.pdf](http://ww.posgeo.ufba.br/disserta%3%A7oes/Disserta%3%A7%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Carlos_de_Oliveira_Costa.pdf)> Acessado em 09/04/2014

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **Aula de Campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-**

**aprendizagem na escola.** Revista Geografia (Londrina), v.20, nº2, p. 099-114, mai/ago. 2011.

DOURADO, José Aparecido Lima. **Geografia “fora” da sala de aula:** importância do trabalho de campo para a Geografia Agrária. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 8, n. 15, p. 1-22, fev., 2013. In.: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/17356/12104>> Acessado dia 07/04/14

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade.** 4ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do Campo.** REVISTA NERA – ANO 14, Nº. 18 – JANEIRO/JUNHO DE 2011 – ISSN: 1806-6755. In.: <[http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/18/8\\_queiroz.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/18/8_queiroz.pdf)> acessada dia 01/03/2014

SOBRAL, Fernanda Antônia da Fonseca. **Educação para a Competitividade ou para a Cidadania Social?** São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, n. 1, p. 3-11, 2000

**ANEXO**



Figura 01 – Atividades de Geografia proposta aos alunos do 6º ano – “planta da casa onde moram”.



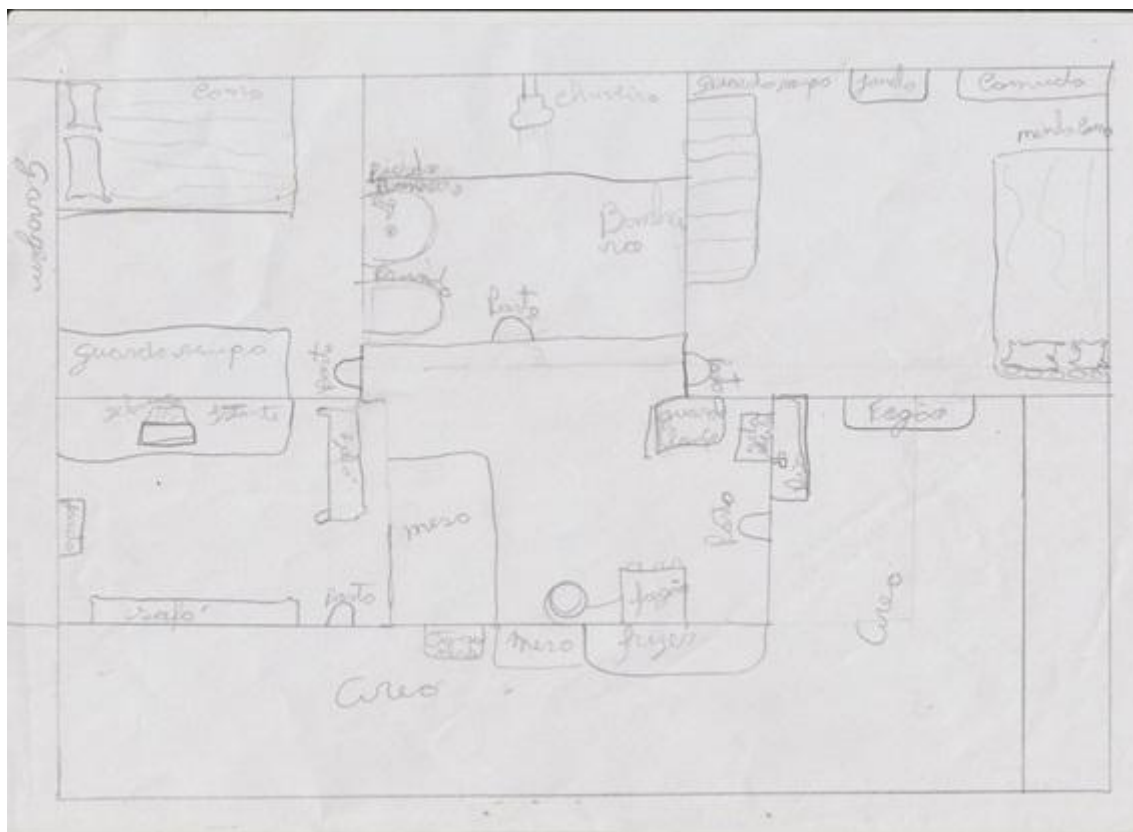


Figura 04 – Atividades de Geografia proposta aos alunos do 6º ano – “planta da casa onde moram”.

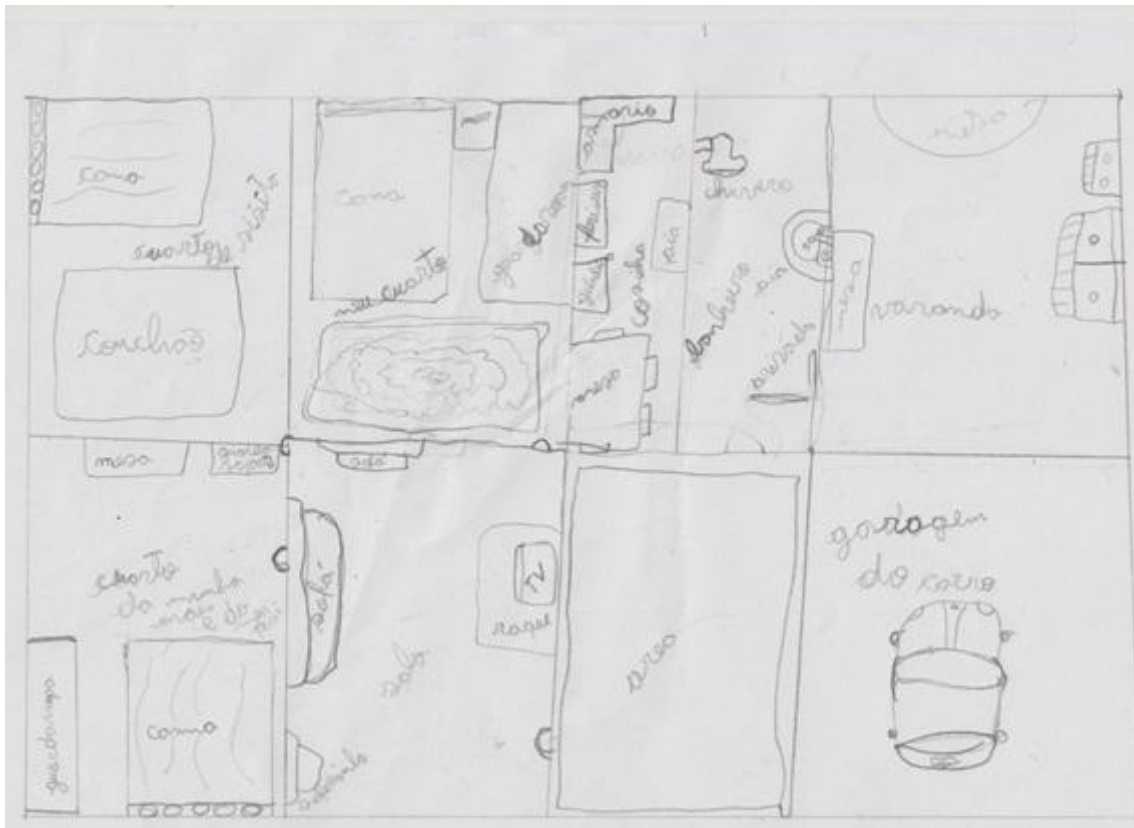


Figura 05 – Atividades de Geografia proposta aos alunos do 6º ano – “planta da casa onde moram”.